



Estudos sobre a morte: Cemitério do Bonfim - arte, cultura, memória e história, espaço de investigação e educação patrimonial.

Dâmaris Cristiane Daniel Campos;¹
Marcelina das Graças de Almeida.²

Resumo:

O projeto de iniciação científica “Estudos sobre a morte: Cemitério do Bonfim - arte, cultura, memória e história, espaço de investigação e educação patrimonial” tem como objetivo investigar vestígios da vida de personalidades sepultadas no Cemitério do Bonfim, ressaltando sua importância no contexto social e cultural no cenário mineiro e contribuindo para a preservação do patrimônio edificado e da memória individual e coletiva. A pesquisa adota como desenho metodológico o inventário de nomes de pessoas sepultadas na necrópole que, de algum modo, contribuíram para a construção física e intelectual da capital mineira e do Estado de Minas Gerais, a apuração de registros biográficos, fichamento e catalogação, a inserção destes nomes nos roteiros de visitas mediadas ao Cemitério do Bonfim, que está em ação desde 2012, e a divulgação dos dados por meio de mídias sociais. Durante o ano de 2024, a pesquisa catalogou o nome de 119 pessoas e 8 sobrenomes de famílias e os resultados obtidos mostraram a defasagem de nomes femininos e de minorias étnicas, com apenas 31 mulheres e 6 pessoas negras. Por conseguinte, o foco em 2025 foi a ampliação da diversidade de gênero e étnica, recuperando sua história e legado artístico, intelectual e/ou cultural. Até o momento, já foram encontrados registros de 24 mulheres e de 1 homem negro, além da adição de outros 23 nomes masculinos. O projeto também está preparando um catálogo com os dados levantados que serão divulgados ao público interessado em 2026.

Palavras-chave:

Cemitério do Bonfim; acervo; personalidades; inventário

¹ Graduanda em Design de Ambientes, Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, damaris.0198377@discente.uemg.br.

² Doutora em História, Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, marcelina.almeida@uemg.br.



Studies on death: Bonfim Cemetery - art, culture, memory and history, a space for research and heritage education

Abstract:

The undergraduate research project "Studies on Death: Bonfim Cemetery - Art, Culture, Memory, and History, a Space for Research and Heritage Education" aims to investigate the lives of individuals buried at Bonfim Cemetery, highlighting their importance in the social and cultural context of Minas Gerais and contributing to the preservation of built heritage and individual and collective memory. The research methodological design involves an inventory of the names of individuals buried in the cemetery who, in some way, contributed to the physical and intellectual development of the capital and the state of Minas Gerais. It also includes the collection of biographical records, compilation, and cataloging, including these names in the itineraries of guided tours of Bonfim Cemetery, which has been ongoing since 2012, and the dissemination of data through social media. During 2024, the research cataloged the names of 119 individuals and 8 family surnames, and the results revealed a discrepancy in female and ethnic minority names, with only 31 women and 6 black people. Therefore, the focus in 2025 was on expanding gender and ethnic diversity, recovering its history and artistic, intellectual, and/or cultural legacy. To date, records of 24 women and 1 Black man have been found, in addition to the addition of 23 male names. The project is also preparing a catalog with the collected data that will be released to the interested public in 2026.

Keywords: Bonfim Cemetery; heritage; personalities; inventory



1. Introdução

O projeto “Estudos sobre a morte: Cemitério do Bonfim - arte, cultura, memória e história, espaço de investigação e educação patrimonial” tem como foco principal a investigação sobre a vida das pessoas sepultadas no Cemitério do Bonfim a fim de compreender melhor o espaço e sua história, construindo um panorama de como era a vida, costumes e cultura. Presente como parte significativa do cenário da cidade de Belo Horizonte desde sua inauguração em fevereiro de 1897, o Cemitério do Bonfim é um local que envolve história, cultura, arte e turismo.

Construído e inaugurado na mesma ocasião de Belo Horizonte, o Cemitério do Bonfim é considerado um cemitério monumental. Isto se deve à sua arquitetura, onde os túmulos se erguem acima do solo, muitas vezes adornados com esculturas, obeliscos, mausoléus e epitáfios que servem como elementos que, segundo Thompson (2015), refletem a perpetuação da vida, do poder e da glória de seus sepultados. De acordo com Almeida (2019), durante mais de quatro décadas, o Bonfim foi a única necrópole da cidade, desempenhando, inicialmente, um papel central como espaço laico, transcendendo os limites religiosos e incorporando em suas estruturas elementos artísticos, culturais e históricos que dialogam com a diversidade cultural, arquitetônica e histórica da cidade.

O projeto de “Visitas Guiadas do Bonfim”, em ação desde 2012, é uma parceria entre a Universidade do Estado de Minas Gerais e a Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica, e tem servido para promover a educação para o patrimônio. O levantamento documental visa investigar quem são as pessoas que habitam o Cemitério do Bonfim, destacando sua importância e vínculo com a história da cidade, sejam elas de caráter real ou provenientes de lendas urbanas e do folclore popular. Esse processo contribui para a elaboração dos roteiros de visita, além de fomentar a preservação da memória e do patrimônio histórico local.

2. Metodologia

A metodologia adotada para este estudo foi a pesquisa documental, que envolve a captação de documentos e dados biográficos nas mais diversas fontes de dados e informações que ainda não passaram por um processo de análise aprofundada e científica. Segundo Bravo (1991 *apud* Silva, 2009), documentos são todas as produções realizadas pelo ser humano que se apresentam como vestígios de sua atividade, podendo revelar seus pensamentos, opiniões, modos de agir e viver. Assim, jornais, revistas, textos literários, produções fotográficas e artísticas funcionam como testemunhos da existência humana e de sua intelectualidade.

Por meio da coleta e análise desses documentos, torna-se possível mapear a vida e os costumes daqueles que nos precederam, resgatando aspectos da história, cultura e memória coletiva. Este processo é extenso e exige uma análise detalhada de diversos materiais escritos, bem como de fontes audiovisuais e é essencial que se faça uma análise crítica do material reunido, conferindo e verificando os dados durante o processo. Esse rigor metodológico é indispensável para assegurar que as informações obtidas sejam precisas e confiáveis, contribuindo para a construção de um panorama histórico fiel e significativo.

Esta pesquisa determinou como etapas do processo:

- 1- Levantamento nominal;
- 2- Levantamento documental;
- 3- Fichamento e catalogação.



A primeira etapa do projeto consistiu na criação de uma lista de nomes que já se encontravam presentes nos roteiros de visitas guiadas, assim como nomes levantados em pesquisa de campo e no projeto de extensão do Cemitério do Bonfim sob a orientação da profª drª Marcelina das Graças de Almeida. A fim de garantir um desenvolvimento mais eficiente, bem como o registro e a organização da pesquisa, foi criada uma planilha no Google com diversas abas, incluindo: nome, ocupação, datas de nascimento, falecimento e inumação (sepultamento), identificação sobre estar ou não sepultado no Cemitério do Bonfim - uma vez que a lista também conta com nomes de artistas responsáveis por obras, mas que nem sempre se encontram sepultados no local -, localização do túmulo, observações, informações sobre os dados encontrados, link para a ficha (indicando se está preenchida) e o status do andamento da pesquisa. A escolha dessa plataforma se deve à sua facilidade para o compartilhamento de informações entre os membros do projeto e para o acompanhamento do progresso das atividades.

Na segunda etapa foi realizada a coleta de dados biográficos e de produções intelectuais e artísticas dos indivíduos, a partir de fontes como arquivos, jornais, revistas, livros, catálogos, monografias, galerias de arte e museus. A maior parte dessa coleta foi realizada de forma online e, para garantir o controle e a eficiência da pesquisa, foi criado um banco de dados para identificar os sites e fontes mais viáveis para a obtenção das informações.

A digitalização de materiais por meio de instituições governamentais, museus e galerias ao redor do mundo tem facilitado o acesso a documentos que, anteriormente, só poderiam ser consultados fisicamente. Essa acessibilidade foi fundamental para o desenvolvimento e crescimento desta pesquisa, simplificando a coleta de materiais e informações.

A última etapa do processo de pesquisa é o registro em fichas para garantir uma sistematização clara, organizada e objetiva dos materiais coletados e das fontes. Para isso, foram criados dois modelos de fichas: uma para registros individuais e outra para registros familiares. A separação entre os dois modelos foi feita pois, muitas vezes, a pesquisa foca em uma única pessoa, mesmo que outros membros de sua família tenham tido importância no cenário mineiro, a exemplos de Mário e Lúcia Casasanta³. Por outro lado, há famílias como a Magnavacca⁴, cujos membros estavam todos envolvidos no mesmo negócio familiar.

O modelo individual inclui abas para nome, título ou apelido, profissão, datas de nascimento, falecimento e inumação, localização do túmulo, informações sobre a família, biografia, observações, imagens, obras e referências. Já a ficha por família abrange os dados dos membros, suas atuações, a localização do(s) túmulo(s), uma biografia resumida e referências. Ambas as fichas contêm seções para o armazenamento de recortes de jornais e revistas, que servem como fonte imagética.

Todas as fichas preenchidas são armazenadas em um drive, de modo que possam ser facilmente acessadas e utilizadas tanto para a elaboração dos roteiros de visitas quanto para a divulgação em mídias sociais, com o objetivo de alcançar um público mais amplo. Para facilitar ainda mais o acesso, foi criado um catálogo online, onde é possível consultar todos os nomes já identificados nos roteiros de visitas e verificar se já existe uma ficha correspondente.

Após a etapa de catalogação, os nomes e informações coletadas são incorporados aos roteiros das visitas guiadas ao Cemitério do Bonfim. Além disso, essas informações são divulgadas, tanto durante as visitas, enriquecendo a experiência dos participantes, quanto por meio de mídias sociais,

³ Mário Casasanta e Lúcia Monteiro Casasanta foram um casal muito envolvido com a educação em Minas Gerais. Mário foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia da UFMG e reitor da mesma universidade. Já Lúcia, além de professora, foi escritora, sendo responsável por boa parte da alfabetização em Minas.

⁴ A família Magnavacca foi a fundadora da empresa “Fundição Moderna – Magnavacca & Filhos” que fazia fogões de uso doméstico, fundição de peças em metais, indústria mecânica e serralheria. As empresas dos Magnavacca fizeram muitos trabalhos na cidade que ainda pode ser visto nas ruas da cidade como peças para boca de lobo, tampas de esgoto, caixas de hidrômetros, principalmente na Savassi e no bairro de Lourdes.



expandindo o alcance do conhecimento sobre a história e a memória do cemitério e das figuras históricas ali sepultadas.

Vale salientar que o processo desta pesquisa não é linear, pois frequentemente, ao se buscar informações sobre uma pessoa, surgem dados relacionados a outras, além de novos nomes que são adicionados à lista para posterior verificação.

3. Resultados e discussão

O levantamento documental entre abril e dezembro de 2024 coletou um total de 116 (cento e dezesseis) nomes e 8 (oito) sobrenomes de famílias importantes para o contexto social e cultural de Belo Horizonte. Destes, 55 (cinquenta e cinco) pessoas e 5 (cinco) famílias já faziam parte do roteiro de visitas. A pesquisa ampliou o repertório já existente nos roteiros do Cemitério do Bonfim inserindo 61 (sessenta e um) novos nomes ao projeto, entre homens e mulheres, e 3 (três) sobrenomes - Purri, Magnavacca e Chiari. A ampliação da lista possibilitou o surgimento de novos roteiros, dando margem a novos assuntos como cinema e fotografia; arquitetura e engenharia; música, educação e saúde.

O levantamento realizado suscitou a discussão sobre a falta de diversidade étnica e de gênero nos roteiros e na memória coletiva, além da escassez de dados sobre mulheres em comparação com as informações amplamente disponíveis sobre homens. Das 116 pessoas catalogadas, apenas 31 eram mulheres e 6 eram pessoas negras.

Outra discussão importante são as conexões possíveis entre as pessoas sepultadas no Bonfim e a cidade de Belo Horizonte, explorando como essas figuras contribuíram para o desenvolvimento físico e intelectual e a história local. Além disso, discutiu-se a importância da pesquisa documental como ferramenta para a preservação da memória biográfica, histórica, cultural e artística desses indivíduos, muitos dos quais foram marginalizados pela história oficial, e sua contribuição para um resgate fundamental das memórias coletivas e da diversidade de vozes que construíram a cidade.

Em 2025, a pesquisa dedicou atenção especial às mulheres e pessoas de minorias étnicas, resultando no acréscimo do nome de 24 mulheres, sendo que muitas destas possuem poucos dados sobre a sua história e produção. Enquanto, em sua maioria, os nomes masculinos e suas histórias são amplamente divulgadas e de fácil acesso, histórias femininas se apresentam como um desafio, muitas vezes resumidas a notas de rodapé em jornais e revistas. Pessoas de minorias étnicas são ainda mais desafiadoras, sendo que apenas 1 novo nome de um homem negro foi encontrado. A falta de retratos nos túmulos e de informações sobre etnia nos documentos de inumação dificultam ainda mais a diversificação da história. Além destes, outros 23 nomes masculinos foram adicionados à lista do levantamento, sendo todos de etnia branca.

O material coletado durante os anos de 2024 e 2025 tem previsão de divulgação em 2026 em um catálogo com imagens, resumos biográficos e curiosidades sobre algumas das personalidades do Bonfim. Este material será publicado de maneira online para o público interessado. Além disso, parte desse material já pode ser visto na página do Instagram "Personalidades Bonfim" ou mesmo durante as visitas guiadas, que acontecem no último domingo de cada mês, entre fevereiro e novembro.

4. Conclusões



O que se percebe é que a coleta e pesquisa aprofundada de dados sobre as pessoas sepultadas no Cemitério do Bonfim é uma metodologia eficaz para a revitalização e preservação da memória individual e coletiva, especialmente no que tange à história da cidade, assim como para a preservação do espaço cemiterial e do patrimônio. Todas as pessoas e famílias registradas por essa pesquisa possuem grande importância para o contexto sociocultural mineiro. O Bonfim guarda em seu acervo histórias de artistas, músicos, atletas, empresários, escritores, escritoras, políticos, médicos, advogados, entre outros, que contribuíram diretamente para a construção física e intelectual de Belo Horizonte e de Minas Gerais, ajudando a moldar o município que conhecemos hoje. Algumas destas figuras estão refletidas nas denominações de ruas, bairros, escolas, edifícios e praças pelas quais os habitantes transitam diariamente, mas que muitas vezes não são lembrados e reconhecidos por sua importância histórica, artística e cultural. A pesquisa do acervo do Cemitério do Bonfim oferece uma oportunidade para resgatar e preservar a memória deles e relembrar suas influências na formação da cidade e da sociedade.

A pesquisa possibilitou que conexões entre diversos indivíduos sepultados no Bonfim fossem estabelecidas, destacando vínculos por meio de laços de amizade, trabalho ou família. Também mostrou a conexão direta de personalidades sepultadas no Bonfim com a construção de monumentos importantes na capital mineira, como o escultor João Scuto (1902-1982) que assina o busto do ex-prefeito Américo Renê Gianetti (1896-1954) localizado no Parque Américo Renê Giannetti e o Cristo Redentor do Bairro Milionários, e também no desenvolvimento da paisagem urbana, como os arquitetos Luiz Signorelli (1896-1964), Rafael Hardy (1893-1968), Edgardo Nascentes Coelho (1853-1917) e seu filho Dario Renault (?-1934), além do engenheiro José Dantas (1874-1946). Ademais, tem ampliado a diversidade da memória histórica daqueles que contribuíram para a construção física, intelectual e cultural de Minas Gerais.

Todo o material coletado ao longo da pesquisa serve como recurso pedagógico e ferramenta de ensino, tanto para as visitas mediadas ao Cemitério do Bonfim, quanto para outros pesquisadores e profissionais de diversas áreas do conhecimento. Esse acervo proporciona um entendimento mais profundo da história e cultura da cidade, permitindo a disseminação de informações e o incentivo a novas pesquisas, além de ser uma ferramenta essencial para a promoção da memória coletiva e do patrimônio histórico de Belo Horizonte.

Referências

- ALMEIDA, Marcelina das Graças de. **Cemitério do Bonfim – Arte, História e Educação Patrimonial: uma experiência em curso**. In: CONGRESSO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA, INICIAÇÃO CIENTÍFICA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 4., 2019, Belo Horizonte. Anais. Belo Horizonte: Izabela Hendrix, 2019. p. 17-30.
- SILVA, Lidiane Rodrigues Campêlo da *et al.* **Pesquisa documental: alternativa investigativa na formação docente**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9., 2009, Curitiba. Anais. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica, 2009, p.4554-4566.
- THOMPSON, Barbara. Memória e exaltação da vida no cemitério monumental. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 27, 3., p. 89-107, 2015.